



Ensaio: Música e Decolonialidade - Um caminho de expressão, resistência e inspiração¹

Saul Smith²

Graduando em Artes Visuais (UDESC)



<https://orcid.org/0009-0007-6282-0679>

Recebido em: 23/01/2025

Aprovado em: 21/02/2025

RESUMO

A música é um canal de resistência e reconexão ancestral no contexto decolonial. Meu processo criativo se entrelaça com vivências e encontros com artistas como François Muleka, Thuanny, Re Moraes, Anis de Flor e Rúbia Divino, compondo o projeto *Experiências Sonoras no MBARI*, do Aya Laboratório. Inspirado no conceito Igbo de *Mbari*, que celebra a arte como experiência coletiva, o projeto busca ampliar narrativas e provocar deslocamentos através da música. Exploramos o sentipensamento de Orlando Fals Borda e a *aesthesis*, promovendo uma escuta profunda de artistas indígenas e africanos. O MBARI é um espaço dinâmico de intercâmbio cultural, incentivando

¹ Este ensaio foi desenvolvido no projeto Experiências Sonoras no MBARI, do Aya Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais. Agradeço aos artistas que compartilharam suas vivências, especialmente François Muleka, Thuanny, Anis de Flor, Re Moraes e Rúbia Divino, cuja trajetória inspira este trabalho. Sou grato também à equipe do Laboratório Aya, meu grande suporte.

² Saul Smith é Artista Visual, Artista Visual e músico, Graduando em Artes Visuais Licenciatura pela UDESC e integrante do AYA – Laboratório de Estudos Pós-coloniais e Decoloniais sendo bolsista do Programa de Extensão Movimentos Decoloniais: Práticas, Diálogos e o Sentipensar, atuando no Circuito de Exposições poéticas da relação. Utiliza linguagens como gravura, pintura e fotografia em sua pesquisa sobre os territórios de afeto através da rememoração de símbolos da infância.



reflexões e resistência por meio da arte. A presença digital amplia essa rede de diálogos e aprendizagem, conectando a ancestralidade ao afrofuturismo.

PALAVRAS-CHAVE

Música; Mbari; Sentipensamento.

Introdução

A música, enquanto forma de arte, possui um imenso poder transformador que vai além das fronteiras culturais, sociais e políticas. Para mim, como homem preto e multiartista, ela se tornou um canal através do qual posso interrogar e refletir sobre as experiências de resistência e luta que compõem o tecido da história de nosso povo. No contexto decolonial, a música se revela e se afirma ainda mais poderosa, carregando as vozes de uma ancestralidade que se recusa a ser silenciada.

Meu processo criativo é profundamente enraizado nas minhas vivências, que me conectam diretamente, até o momento, às histórias de artistas como François Muleka, Thuanny, Re Moraes, Anis de Flor e Rúbia Divino. As conversas casuais e os encontros fortuitos que tive com esses músicos alimentam o meu trabalho e se entrelaçam com as reflexões que desenvolvo no Experiências Sonoras no MBARI, vinculado ao Aya Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais. Preciso dizer também que o termo "Mbari" carrega uma profundidade simbólica e cultural. Tradicionalmente, refere-se a



uma forma de expressão artística coletiva praticada pelos Igbo, na Nigéria. Era uma celebração da vida, através da criação de espaços temporários de arte, que integravam esculturas, pinturas e performances para honrar a divindade da fertilidade e a comunidade, assim Mbari carrega a potência da criação artística em um tempo espiralar, conectando a ancestralidade e o afrofuturismo.

Essas trocas me permitem explorar a música não apenas como uma forma de expressão artística, mas como um caminho de investigação pessoal e coletiva, que revela modos de sobrevivência, afirmação e resistência. Meu olhar está atento ao sentipensamento, um conceito de Orlando Fals Borda, que une razão e emoção. Esse processo reflete não só a minha própria trajetória como artista, mas também a força de uma comunidade que encontra na música uma maneira de transcender as opressões coloniais e se reconectar com suas raízes.

Experiências Sonoras no MBARI: A Interseção da Música, Cultura e Decolonialidade

O projeto Experiências Sonoras no MBARI, parte do Aya Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais, visa criar um espaço dinâmico e enriquecedor para o diálogo entre culturas. O objetivo principal é compartilhar e explorar músicas de artistas indígenas



e africanas/os, promovendo uma escuta profunda e um processo de liberação dos sentidos, que denominamos *aesthesis*. Este conceito se refere à capacidade de experienciar a arte de uma maneira que vai além da simples audição, permitindo um envolvimento sensorial e emocional completo.

Através das postagens em nossa biblioteca digital, buscamos incentivar a autoindagação e a reflexão tanto em nós quanto em nossos seguidores. Queremos expandir olhares e sentidos, aprendendo com a troca entre diferentes culturas e modos de ser no mundo. Inspirados pela ideia do “equilíbrio das histórias”, discutida por Chinua Achebe e destacada por Cláudia Mortari (2017) em sua análise,³ buscamos promover narrativas que valorizem diferentes perspectivas e questionem a hegemonia de uma história única. É exatamente essa mudança que pretendemos provocar.

Disponibilizamos comentários sobre as músicas e os artistas, além de materiais selecionados dos campos dos estudos pós-coloniais e decoloniais. “Essa abordagem visa criar um ambiente onde cada pessoa possa desenvolver seu próprio caminho de sentipensar, uma fusão entre sentir e pensar” proposta por Orlando Fals Borda (2009).⁴

³ MORTARI, Cláudia; GABILAN, Katarina Kristie Martins Lopes. “concordo, claro, que uma boa arte muda as coisas”. a escrita literária de chinua achebe e a crítica a colonialidade. *Sankofa* (São Paulo), São Paulo, Brasil, v. 10, n. 20, p. 56–73, 2017.

⁴ FALS BORDA, Orlando. *Una sociología sentipensante para América Latina*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2009.



O sentipensamento, ou a combinação de percepção sensorial e cognitiva, é fundamental para entender as camadas profundas da música e da cultura que exploramos.

Para ilustrar como essa abordagem funciona, compartilho alguns exemplos significativos. Conversamos com o artista Ìdòwù Akínrúlí, que destacou a importância da música tradicional na sua infância na Nigéria. Ele mencionou como as músicas longas e narrativas, como as de Orlando Owoh, eram essenciais em sua formação cultural. O *highlife*, um ritmo que mistura influências africanas e ocidentais, e o *palm wine*, um ritmo tradicional da África Ocidental, exemplificam a forma como o conceito de “tradição” é mutável e se reinventa com o tempo.

Djuena Tikuna, uma cantora indígena amazônica, é outro exemplo de como o tradicional pode se transformar. Sua música, que pode parecer tradicional a um ouvinte desavisado, incorpora elementos de várias culturas indígenas, refletindo uma prática musical que é, simultaneamente, inovadora e profundamente enraizada na ancestralidade. Djuena, junto com Diego Janatã, trabalha para incorporar diversos ritmos e instrumentos indígenas em sua sonoridade, desafiando a ideia de uma tradição imutável.

A partir dessas conversas e experiências, o *Experiências Sonoras* busca entender como essas músicas provocam deslocamentos e configuram outras ideias. Elas instigam outras formas de ver o mundo e de agir, oferecendo lições sobre a relação entre o cotidiano e a arte, e sobre a importância de manter vivas as tradições culturais enquanto se adapta e inova.



Além de nosso trabalho com os artistas e as músicas, a presença online do MBARI é crucial para alcançar um público mais amplo e engajado. O site e o Instagram do Aya Laboratório têm sido plataformas essenciais para disseminar nossas pesquisas e iniciativas. O bom alcance dessas plataformas permite que nossas postagens sobre músicas e análises culturais cheguem a um público diversificado, fomentando a discussão e o aprendizado contínuo.

O Instagram, em particular, serve como uma vitrine dinâmica onde compartilhamos trechos de músicas, comentários rápidos e interações com seguidores. Essa visibilidade ajuda a criar uma comunidade ativa e interessada em explorar e discutir as intersecções entre música, cultura e decolonialidade. O site, por sua vez, funciona como um repositório mais profundo de informações, artigos e análises que enriquecem a compreensão dos temas abordados.

Essa presença online também permite que nossos seguidores participem ativamente, comentando, compartilhando e se envolvendo com o conteúdo de maneira que promova um diálogo constante e enriquecedor. Assim, o MBARI e o Aya Laboratório não apenas compartilham conhecimento, mas também constroem uma rede de aprendizado e resistência cultural que ultrapassa fronteiras geográficas e culturais.



Figura 1 - François Muleka: A Musicalidade como Resistência⁵



François Muleka, com sua trajetória de mais de vinte anos, é um exemplo claro de como a música pode ser uma ferramenta de resistência. Sua origem congoleza e sua vivência em Florianópolis, um espaço com dinâmicas sociais complexas, moldaram sua visão artística e sua abordagem musical. Em nossa conversa, François destacou as dificuldades financeiras enfrentadas por artistas pretos e autorais, um reflexo direto das estruturas coloniais ainda presentes na sociedade.

Ele disse: “Que mágica que a pessoa faz pra conseguir morar em Florianópolis, estudar na faculdade e tocar música? Que mágica você faz pra viver na ilha da magia?” Esta questão ressoa profundamente, mostrando a luta constante para manter a arte viva em um ambiente que muitas vezes é hostil. A solução encontrada por François, de ensinar composição de uma forma que respeite a individualidade e a criatividade dos alunos, é

⁵ Fonte: Aya Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais. Disponível em: <https://ayalaboratorio.com/2024/04/22/francois-muleka-por-saul-smith/>



uma forma de resistência. Ao invés de doutrinar, ele promove a auto expressão, criando um espaço onde a arte pode florescer de maneira autêntica.

Figura 2 - A Arte como Resgate Ancestral⁶



Thuanny é outra artista cuja trajetória ilustra a intersecção entre música e decolonialidade. Seu projeto de mestrado “Não Precisa Ser Forte” e o videoarte “Ato I: Licença Pra Chegar” são exemplos de como a arte pode ser um veículo para o resgate ancestral. Através de sua música, que mistura *Dancehall*, *R&B*, *blues* e calypso com percussão de samba e ijexá, Thuanny cria uma experiência sensorial única que conecta o presente com o passado.

Sua participação no programa *Pretas Potências* da Feira Preta é um reconhecimento de sua contribuição para a visibilidade das mulheres negras. Thuanny não apenas inspira através de sua arte, mas também desempenha um papel crucial na luta pela igualdade e pelo reconhecimento das raízes culturais africanas. Sua dedicação à pesquisa

⁶ Fonte: Aya Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais. Disponível em: <https://ayalaboratorio.com/2024/03/25/thuanny/> Acesso em 01 mar 2023



e à arte revela um compromisso profundo com a decolonialidade, usando a música como uma forma de reconexão e empoderamento.

Figura 3 - Re Moraes: A Cultura Hip Hop e a Ball Culture como Espaços de Resistência⁷



Re Moraes, uma multiartista travesti, traz à tona a importância da cultura hip hop e da *ball culture* como espaços de resistência e expressão. Sua chegada a Florianópolis e o envolvimento nas batalhas de rima foram transformadores. As batalhas de rima são mais do que competições; elas são espaços de empoderamento e expressão autêntica da cultura urbana.

Re conta: “Eu não conhecia arte de forma alguma, sabe? Gostava de algumas músicas, de alguns artistas, mas não me imaginava fazendo, produzindo. Aí comecei a colar nas batalhas...” Esta descoberta da arte através da comunidade é um exemplo de como a música e a cultura hip hop podem ser ferramentas poderosas de resistência contra

⁷ Fonte: Aya Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais. Disponível em: <https://ayalaboratorio.com/2024/05/24/re-moraes-por-saul-smith/> Acesso em 01 mar 2023



as opressões coloniais. Além disso, a criação da Casa das Duras, um coletivo LGBTQIAPN+ que promove a cultura ballroom, é uma iniciativa que oferece apoio e pertencimento a indivíduos marginalizados, criando um espaço seguro e inclusivo.

Figura 4 - Anis de Flor: A Música como Conexão Ancestral⁸



Conheci Anis de Flor na UDESC, antes de cursar Artes Visuais, em uma apresentação com Thuanny. Após o show, ela nos abordou entusiasmada, querendo trocar experiências. Mal sabia eu que nossos caminhos se cruzariam muitas vezes depois. Tocamos juntos no Badesc, onde substituí seu guitarrista, Pedro, e essa colaboração fortaleceu nossa conexão. Nos reencontramos no Samba da Buia, onde Anis vem se firmando como sambista, e tive o prazer de discotecar em alguns de seus shows.

Recentemente, Anis lançou o EP “Fértil”, que expressa suas vivências como mulher preta e indígena. Ela compartilhou comigo como a ancestralidade influencia sua

⁸ Fonte: Aya Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais. Disponível em: <https://ayalaboratorio.com/2024/07/16/anis-de-flor-por-saul-smith/> Acesso em 01 mar 2024

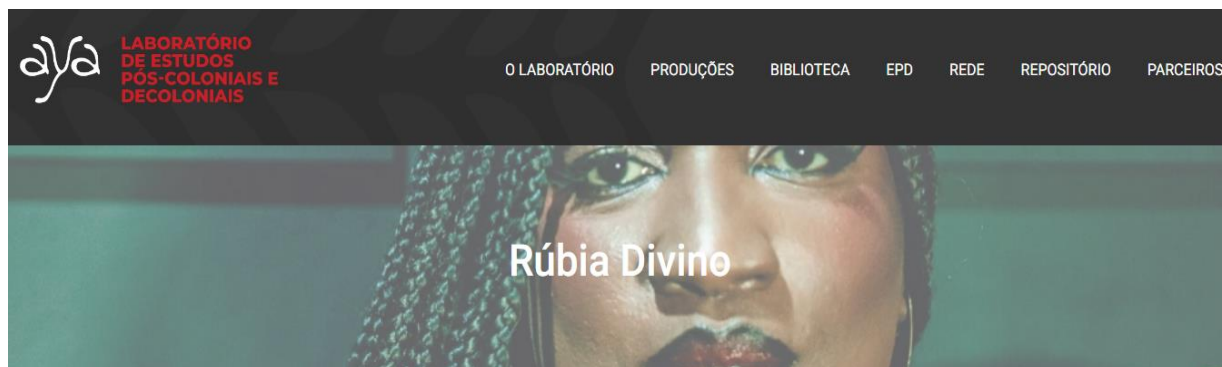


música, trazendo percussões africanas, sons da natureza e elementos orgânicos, sempre conectados às suas raízes.

Anis também falou sobre suas ações atuais, como sua participação na Maratona Cultural e o lançamento de um videoclipe com a Camerata de Florianópolis. Ela está atenta a editais e em contato com outros artistas para fortalecer os trabalhos em conjunto.

Essa conversa com Anis reforça o que percebo nas trocas com outros artistas: a narrativa ancestral é uma força poderosa para o povo preto, indígena e outras minorias, emergindo perspectivas que, por muito tempo, foram marginalizadas.

Figura 5 - Rúbia Divino: Sentipensar e a Reconexão com a Ancestralidade⁹



Às vezes, a vida dá um jeito de nos surpreender com encontros que a gente nem imagina. Foi assim com a Rúbia Divino. Num sábado qualquer, saí para curtir um samba

⁹ Fonte: Aya Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais. Disponível em: <https://ayalaboratorio.com/producciones/mbari-as-artes-e-a-vida-2/experiencias-sonoras-2/>. Acesso em 01 mar 2024.



no Centro de Floripa, quando uma amiga, Julis, me apresentou à Rúbia na encruzilhada das ruas Vitor Meireles e Nunes Machado: “Saul, essa aqui é a Rúbia. Vocês precisam se conhecer!” Trocamos contatos ali mesmo, no improviso, mas o verdadeiro impacto veio quando, mais tarde, entrei no samba e ouvi a voz de Rúbia se destacar no meio da roda. Era impossível não se deixar levar.

Nas semanas que seguiram, fui atrás de saber mais sobre ela. Encantado com o que descobri, convidei-a para compartilhar seus pensamentos no campo decolonial no Mbari. Rúbia fala sobre a música como uma forma de reconexão com a ancestralidade e afirmação da identidade negra, refletindo seu contexto social periférico e os valores da diáspora africana. Seu disco “Transborda” é um trabalho que atravessa memórias afetivas com sua avó, as influências musicais de seu pai e as tradições que reverberam em sua vida pós-colonial.

Rúbia começou a cantar ainda criança, no bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, e mais tarde, misturou samba e jazz em suas composições, enquanto se reconectava com suas raízes através do Maracatu e da militância negra. Seu trabalho é uma jornada de cura e reencontro consigo mesma, onde a arte se torna uma ferramenta para transcender traumas e celebrar a potência da mulher preta. A narrativa de Rúbia, assim como o conceito de sentipensar, une suas vivências emocionais e racionais, explorando sua identidade e ancestralidade pela música.



Considerações finais

Ao refletir sobre as trajetórias dos artistas François Muleka, Thuanny, Re Moraes, Anis de Flor e Rúbia Divino, fica claro que a música serve não apenas como uma forma de expressão artística, mas como um poderoso instrumento de resistência e transformação social. Cada um desses músicos traz consigo uma história de luta, afirmação e reconexão com suas raízes ancestrais, usando a arte para criar espaços de autenticidade e pertencimento. Seus trabalhos demonstram como a música pode e transcender barreiras culturais, sociais e políticas, oferecendo um meio para explorar e afirmar identidades no contexto decolonial.

O projeto *Experiências Sonoras no MBARI* se insere nesse contexto como uma plataforma vital para a troca de ideias e a promoção de um diálogo mais profundo sobre a música e sua relação com o processo decolonial. Através de conversas e encontros com esses artistas, busquei não apenas entender suas trajetórias, mas também refletir sobre como minhas próprias vivências e práticas artísticas se conectam com essas histórias. O conceito de sentipensamento serviu como um guia para unir o sentir e o pensar, criando uma narrativa que revela a potência da música como um meio de resistência e transformação.

O impacto do projeto é amplificado pelos canais digitais do Aya Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais. O site e o Instagram do laboratório têm sido



ferramentas cruciais para a disseminação das ideias e das reflexões geradas. O site, com sua estrutura acessível e informativa, permite que uma audiência global conheça e se envolva com o trabalho de artistas e pesquisadores dedicados ao estudo e à promoção da decolonialidade. Nele, os visitantes podem explorar uma variedade de conteúdos, desde artigos e entrevistas até registros de eventos e debates, oferecendo uma visão abrangente das discussões em curso.

Além disso, o Instagram do Aya serve como um canal dinâmico para a interação e o engajamento em tempo real. As postagens regulares destacam não apenas as atividades do laboratório, mas também oferecem uma plataforma para a visibilidade de artistas e iniciativas relacionados ao tema decolonial. Através de fotos, vídeos e stories, o Instagram facilita uma conexão direta com o público, permitindo que as reflexões e as experiências compartilhadas alcancem uma audiência ampla e diversificada. A interatividade proporcionada por essa rede social enriquece o diálogo e estimula a participação ativa, criando uma comunidade engajada e informada.

O sucesso desses canais digitais demonstra a importância de utilizar plataformas modernas para ampliar o alcance e o impacto de projetos que abordam questões decoloniais. Eles não apenas ajudam a disseminar conhecimento e a promover discussões, mas também fortalecem a rede de apoio e colaboração entre artistas, pesquisadores e o público em geral. A combinação de conteúdo acessível, interatividade e visibilidade ajuda



a garantir que as vozes de resistência e as histórias de afirmação continuem a ser ouvidas e reconhecidas.

O *Experiências Sonoras no MBARI* e os canais digitais do Aya Laboratório têm desempenhado um papel essencial na promoção da decolonialidade e na celebração da música como uma forma de resistência. As histórias e as práticas dos artistas apresentados neste projeto refletem a capacidade da música de transformar e conectar, oferecendo uma visão profunda das lutas e triunfos que definem o contexto decolonial. E dessa forma, com esse ensaio partindo de histórias do sul que vão de encontro as principais narrativas conservadoras sociais, podemos até trazer Paulo Freire e dizer que estamos suleando nesse caminho. Para Paulo Freire, “quando o oprimido firma sua posição diante das contradições e os conflitos gerados pelo capitalismo, ele concebe as condições materiais para a superação desses dilemas”.¹⁰ E sinto que é isso que estamos fazendo quando reunimos esses grandes artistas que trazem suas trajetórias desafiadoras.

O trabalho contínuo do Aya Laboratório, apoiado pela presença digital eficaz, promete continuar a ser uma fonte de inspiração e de reflexão, contribuindo para um entendimento mais amplo e inclusivo das artes e da cultura no cenário global.

¹⁰ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981